



A EDUCAÇÃO COMO PRODUTO DO CAPITAL: A IMPROVÁVEL FORMAÇÃO HUMANA

Kássia Karina Silva de Araújo* (1); Angélica Kelly dos Santos Pimentel* (2);

**Instituto Federal de Alagoas, Pós graduandas em Educação e Meio Ambiente;*
(1) kassia.s.araujo@hotmail.com; (2) angelicakpimentel@gmail.com

Resumo: O presente artigo trata-se de uma discussão teórica fundamentada em levantamento bibliográfico de autores que tratam da educação como forma de emancipação do sistema capitalismo, objetivando formar uma base teórica que venha fomentar a pensamento crítico de especialistas e interessados na educação voltada para o capitalismo, que objetiva formar mão de obra barata esquecendo-se da formação humana dos indivíduos. Assim, cabe aos atuais e futuros profissionais da educação inserir o pensamento crítico dentro da sala de aula, alertando os docentes das sagacidades do capitalismo para formação humana.

Palavras chaves: Capitalismo, Formação humana, Fundamentos da educação.

INTRODUÇÃO

A humanidade vive hoje um processo de transformação tecnológica nos meios econômicos, sociais e culturais, cabe ao homem, através da educação, formar indivíduos capazes de construir valores, pensamentos críticos e sua formação humana, sem deixar ser envolvido pelo canto da sereia do capitalismo.

Hoje, os indivíduos buscam, através da educação, um melhor posicionamento no mercado de trabalho, fazendo da educação uma ponte para tornar-se uma ferramenta dentro do sistema capitalista. Não há interesse social e político na busca do saber, este é apenas a chave para as porta do mercado de trabalho.

Devido a falta de pensamento crítico e ideológico de educandos e educadores em relação a educação como produto do capital, o presente artigo busca fomentar as discussões a cerca do tema proposto, buscando unir autores que enriquecem a base de dados e acorda o leitor para rever onde a educação está sendo fundamentada e quais as consequências desta educação para o futuro do país.



METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de um levantamento bibliográfico voltado para a área de educação, trabalho e formação humana, e outras formas de manipulação da educação pelo sistema capitalista.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nos tempos primitivos a educação possibilitava o acesso ao saber coletivo, onde os homens passavam de geração para geração seus conhecimentos e domínio sobre a natureza para obter recursos para sua subsistência.

Com o domínio da natureza, intensificou-se o cultivo e conseqüentemente começou a existir os excedentes alimentares. Foi a partir da geração de excedentes que o homem teve a necessidade de se dividir. Uns passaram a ter mais que outros e assim surgiu a divisão da sociedade em classes.

A partir da divisão da sociedade em classes, a educação passa a ser privilégios para poucos e de forma diferenciada. Há homens que são “educados” para vender sua força de trabalho, aprendendo aquilo que é imposto pelo sistema capitalista, a fim de garanti mais produtividade e qualidade dos produtos, no processo da mais-valia. E há homens que são “educados” para explorar a força do trabalho alheio.

Para Freres *et al* (2008) a escola era privilégio para aqueles que não precisavam trabalhar: “É nesse estágio de desenvolvimento dos homens que surge a educação formal, a escola, como um espaço privilegiado de repasse desse saber para os filhos da classe que não precisava trabalhar e podia se dedicar ao “ócio”. (*Op. cit.* p. 2).

Hoje, a classe dominante utiliza a escola para expandir suas ideias e ampliar seu poder, ensinando o indivíduo a oferecer sua força de trabalho de forma natural e com a sensação de dever cumprido. Estes trabalhadores seguem intruções de como devem trabalhar, pensar, agir e o que devem saber; transformando o conhecimento e a formação humana em “Capital Humano”.

Observa-se a defasagem do ensino, o qual passa a ser voltado para que não haja interrogações da parte dos alunos. Tudo que é dito, pensado ou ensinado pelos professores são questões incontestáveis, o aluno aprende a “não pensar” fora da escola. Segundo Leher (2016):



...é possível constatar que a expansão da oferta da escola pública nos países capitalistas dependentes – uma realidade na educação básica e em certas modalidades de educação profissional – está sendo acompanhada de drástico esvaziamento de seu conteúdo científico, histórico-cultural, tecnológico e artístico. (p.3)

Corroborando com Leher, Mézaros (2005) afirma que após a revolução industrial, a educação tem servido como um espaço fértil para fornecer conhecimento e produzir pessoal necessário para a manutenção do capital. Temos professores que são obrigados a “obedecer” o sistema educacional e “formar” alunos para o mercado de trabalho sem uma devida formação humana. E temos alunos que buscam apenas o diploma, pois, são orientados a se prepararem para fazer parte de algum processo dentro do sistema econômico. Temos então a formação de trabalhadores e não indivíduos livres de pensamento.

No início do séc XIX o Brasil era um País de dicotomias, inclusive na Educação. Milhares de pessoas eram excluídas da alfabetização, poucos sabiam lê e escrever. Segundo Godotti (1998), até o final do séc. XIX nossa educação era dada de forma retórica, repetitivo, que estimulava a competição, dividindo a sociedade entre analfabetos e doutores.

Hoje, o Brasil sofre com a problemática da educação, trabalho e formação humana, pois se preocupa com a melhoria de indicadores da educação e não com a educação propriamente dita. Diminuem-se as taxas de analfabetismo, mas produzem analfabetos funcionais, os quais conseguem concluir o ensino médio mesmo sem saber redigir um texto ou resolver uma equação matemática.

A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), do Ministério da Educação (MEC) em 2014, mostra que 22% dos alunos de 8 anos não sabiam ler adequadamente, 35% não sabiam escrever e 57% não sabiam o básico de matemática. “Crianças que passam de ano sem saber ler e escrever” este foi o tema de uma matéria do Jornal Alagoano Gazeta, em junho de 2016, onde aponta dados da ANA-MEC e a opinião de profissionais na área de educação. Cleonara Schwartz Dr.^a em educação e professora da Ufes, diz que a escola deve formar leitores críticos que entendam o que esta lendo e saibam opinar, e não leitores que decidificam palavras. (LYRIO, 2016)

Devido à educação de péssima qualidade os jovens se tornam cada vez mais despreparados para se inserir no mercado de trabalho gerando uma baixa produtividade da mão de obra brasileira, isso sim é preocupante para a economia do país.

A fim de sanar a problemática da educação voltada para o trabalho, o filósofo marxista Antônio Gramsci, defende a escola unitária, onde os trabalhadores intelectuais e os trabalhadores manuais estariam juntos, nesta escola são aprendidos conteúdos relativos à formação profissional e a cultura clássica, formando o Intelectual Orgânico, que é o sujeito que possui ao mesmo tempo um



comprometimento com a classe a que se vincula e um saber que o distingue dos demais. (LEHER, 2016)

Na escola unitária defendida por Gramsci, não se ensina dogmas e repetitividade de conteúdos, ensina-se a criar o trabalho autônomo e independente.

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial, não somente na escola, mas em toda a vida social. O princípio unitário refletir-se-á, portanto, em todos os organismos de cultura, transformando-os e dando-lhes um novo conteúdo. (GRAMSCI, *apud* SANTOS, 2008, p.1).

A escola hoje, infelizmente, atua de forma contrária a realidade dos alunos, não busca o entrosamento e o entendimento da vida social, como a burocracia, o dinamismo, a política, etc. Essa contrariedade entre teoria e prática causa diversas consequências educacionais, tal qual a evasão escolar e o analfabetismo.

Gramsci *apud* Santos (2008) defende a necessidade da criação de uma escola que encaminhe os jovens até a escala profissional, mas antes, estes deverão ter desenvolvido pensamentos críticos e vontades próprias, estando aptos para administrar e controlar quem administra, não sendo apenas mais uma máquina manual do sistema capitalista.

Porém, sabemos que a escola unitária está longe da nossa realidade. O Brasil é um país de dicotomias, de um lado um vasto território litoral banhado pelo oceano Atlântico e diversos rios, lagos e lagoas, mas também temos territórios excassos de água que sofrem com a seca. Desta mesma forma temos dicotomias econômicas, culturais e educacionais.

A educação é dada de forma diferenciada para as classes sociais, ou até mesmo, nem é oferecida para algumas classes. Em 1927, o Estado acordou para a problemática da educação desorganizada, e propôs a alfabetização em massa da sociedade, praticamente 80% da população era analfabeta. Foi então que em 1941 foi realizada a 1ª Conferência Nacional da Educação (CONAE), por meio do Decreto 6.788 de 30 de janeiro de 1941, que diz em seu Art. 1:

§ 1º. A Primeira Conferência Nacional de Educação realiza-se-á no decurso do primeiro semestre de 1941, e tratará dos problemas da educação escolar e extra-escolar em geral, devendo todavia constituir assuntos principais de seus trabalhos os seguintes:
Organização, difusão e elevação da qualidade do ensino primário e normal e do ensino profissional;
Organização, em todo o país, da Juventude Brasileira. (BRASIL, 1941)



Desde então a educação passou a ser vista como a panacéia que garantiria o progresso da sociedade brasileira e mitigaria as diferenças sociais e culturais. Objurgando o pensamento de que a educação seria a cura de todos os males, Muller (2012) escreve:

“O povo é inculto e está doente! Acreditem, a educação e a saúde são o elixir com direito a bula que deverá higienizar e educar o povo. Tomando, lendo e seguindo a risca a bula o povo terá acesso à riqueza, ao progresso, ao civismo, ao respeito e moralidade tão desejados ao povo ou do povo para alguém?” (*op. cit.* p. 65).

A desculpa para os impactos sociais, ambientais e culturais é a falta de educação, princípio este imposto pelo capitalismo, com seu poder de alienação, fazendo com que as pessoas se sintam culpadas pelos desastres socioambientais, uma vez que o indivíduo não faz sua parte perante a sociedade, uma “doença” que deve ser curada através da educação.

Depois de “curado” o homem está pronto para viver em sociedade, fazendo seu papel dentro do sistema produtivo, através da troca do seu trabalho por meios de sobrevivência.

A sequência Educação, Trabalho e Formação Humana, não segue uma lógica plausível. A educação é voltada para capacitação profissional, a qual facilita a entrada no mercado de trabalho, porém, não é através do trabalho que há a formação humana do indivíduo, como dizia Marx (1970, *apud* TONET 2006, p.14): “A força de trabalho é, pois, uma mercadoria que seu proprietário, o trabalhador assalariado, vende ao capital. Para que? Para viver”. Para Marx o trabalho é apenas um meio para sobrevivência, onde o trabalhador não considera o tempo que está no trabalho como parte de sua vida, sendo este um sacrifício obrigatório para obter o pão de cada dia, não sendo a formação humana produto deste trabalho.

Mas o que seria a formação humana de um indivíduo? Tonet (2006) diz que a formação humana é definida como o acesso do indivíduo aos bens materiais e espirituais, levando-o a emancipação humana. E segue:

...Vale dizer, uma forma de sociedade na qual todos os indivíduos possam ter garantido esse acesso. Porém, uma tal forma de sociedade requer, necessariamente, um tipo de trabalho que tenha eliminado a exploração e a dominação do homem pelo homem. (TONET, 2006, p.15).

Assim, para ter uma formação humana consolidada, deve, através da educação, formar pensamentos lógicos e aptidão de contribuir para as transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas; ou seja, a educação formará pessoas participativas, críticas e criativas, de modo contínuo e permanente dentro e fora da escola, isto é uma formação humana!

CONCLUSÃO



Desta forma, não há dúvidas que não será a educação a alavanca da transformação social, sendo esta dominada pela formação econômica capitalista. A educação está diretamente ligada ao modo de produção capitalista, tanto ela serve para disfarçar as ideologias capitalistas, como também, serve para desmascará-las.

Para que a educação seja dada de modo a construir indivíduos comprometidos com a reconstrução da sociedade, deve-se retomar o pensamento crítico e revolucionário de Marx, incentivando as pessoas a participar das lutas sociais, pois apenas o pensamento não leva a transformação da sociedade, é preciso que estes pensamentos se transformem em força material, em ação prática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 6.788, de 30 de janeiro de 1941. **1ª Conferência Nacional de Educação e a 1ª Conferência Nacional de Saúde**. Ministério da Educação e Saúde. Serviço de documentação, Folheto nº 5, 1941. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_1.pdf. Acesso em: 08/07/2016.

FRERES, Helena de Araújo; Et al. O papel da Educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica. *In: V. Congresso Brasileiro de História da Educação: O Ensino e a pesquisa em história da educação*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008.

GADOTTI. M. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1998, p. 230-266.

LEHER, Roberto. **Organização, estratégia política e o Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/08/R-Leher-Estrat%C3%A9gia-Pol%C3%ADtica-e-Plano-Nacional-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 07/04/2016.

LYRIO, Elton. Crianças passam de ano sem saber ler e escrever. *In: Gazeta de Alagoas*. Jornal Online. Jun. 2016. Disponível em: http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2016/06/noticias/cidades/3951504-criancas-passam-de-ano-sem-saber-ler-e-escrever.html. Acesso em: 19 de julho de 2016.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MÜLLER, César Augusto. **Pensamento Pedagógico Brasileiro: por uma real mudança**. Revista Educação por Escrito – PUCRS, v.3, n.2, dez. 2012.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. **A escola unitária em Gramsci**. *Cadernos da FaEL*, Universidade Iguçu. Faculdade de Educação e Letras. V. 1, nº. 1, Jan./Abr. de 2008. Disponível



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

em: http://www.unig.br/cadernosdafaef/vol1_num1/ARTIGO%20RAMOFLY%20%20CORRIGIDO.pdf. Acesso em: 06/07/2016.

TONET, Ivo. Educação e formação humana. *In: Revista Ideação*. Revista do centro de educação e letras da unioeste – Foz do iguaçu. V.8, N.9, p. 9-21, 2º semestre, 2006.